

DANÇA

José Luiz Pederneiras/Divulgação

Sensualidade latina a serviço de coreografia bela e inteligente: de tirar o fôlego

'Lecuona', para ficar em estado de graça

Cubano embala o Corpo em lição de sofisticação assinada por Rodrigo Pederneiras

HELENA KATZ

Especial para o Estado

Corpos que se roçam e se colam e dos quais escorre paixão por cada rasgo, cada babado, com cada decote tensionando um tipo de sensualidade. Que Rodrigo Pederneiras era o rei do pas-de-deux, todos sabiam. Mas que viria a criar uma seqüência espetacular de 12 deles ao som do cubano Ernesto Lecuona (1895-1963) para nos levar a deixar o teatro em estado de graça, isso não era previsível. Só com muita coragem e competência se visita e se sai vitorioso de um universo desses, inteiramente barateado por cataratas de imagens trivializadas no limite do desgaste.

A riqueza da sua construção para cada uma das 13 canções pede mais do que um contato para um melhor desfrute. Porque as dobras não são somente dos corpos, mas sobretudo da coreografia, que muito os dobra e faz tombar. Assim que Zoraida Marrero começa a cantar *No Es por Ti*, um certo imaginário associado a essa coisa completamente obscura — e toda via tratada como uma categoria

clara e distinta — chamada de latinidade, se apossa de nós. Mas Jainaina Castro e Edson Beserra, o primeiro dos 12 casais que se seguirão, nos despejam, sem a menor cerimônia e com uma contundência esplêndida de linhas, em um mundo de visualidade aparentemente pronta que logo se desmonta. A música escancaradamente romântica, cantada em espanhol, e o figurino, obediente à sobredeterminação do preto com sapato de verniz para os rapazes e das pregas, fendas e decotes para as moças, não montam um daqueles ambientes banalizados pelos meios de comunicação de massa. Em direção contrária, nos fazem ver o amor como um estado de ser muito, mas muito elegante. Freusa Zechmesiter consegue o milagre de nos oferecer a paixão na forma de uma alta-costura. Cada figurino foi especialmente desenhado para a personalidade, e não somente para o corpo de quem dança.

Não poderia mesmo ser de outro modo, pois se trata do Grupo Corpo, que não tem feito outro trabalho senão o de habilitar o nosso olhar para processar os clichês institucionalizados como dança

brasileira. Pois é exatamente aí, nos clichês como questão, que *Lecuona* vai mexer. A coreografia de Rodrigo Pederneiras que acaba de estreiar no Teatro Alfa, continua em outra geografia (Cuba) o mesmo procedimento investigativo que vem desenvolvendo na sua companhia, o Grupo Corpo, tendo o Brasil como assunto.

O olho precisará recortar, seguindo a deslumbrante iluminação de muitas cores de Paulo Pederneiras e Fernando Velloso. Há um jogo entre a bi e a tri dimensionalidade

que faz toda a diferença. As cores propõem uma sobreposição impossível, uma cilada para o olho porque pede a junção da autonomia com a simultaneidade —

dois conceitos que não se ajustam espontaneamente. É de uma inteligência de tirar o fôlego.

Quando Ana Paula Cañado e Peter Lavrati dançam *Yo te Quiero siempre*, na voz de H.F. Ramos — com uma interpretação que nos faz entender por que a dança pode, algumas poucas vezes, ser sublime; quando Jaqueline Gimenes entra, seja com Edson Hoyzer (*Celos*, cantado por Tomasita



Núñez) ou com Everson Botelho (*Tus Ojos Azules*, por Sarieta Escarpeter e Maria de los Angeles Santana), se descobre que há uma outra luz no palco, uma raridade que pode ser denominada como luz própria.

Os impactantes figurinos de Freusa Zechmeister fazem toda a diferença. Cada corte, o tamanho de cada babado, o comprimento de cada saia, de cada manga, a profundidade de cada decote, cada detalhe de tudo o que foi confeccionado à mão monta um exercício de sofisticada transcrição. A sensibilidade aguda de Freusa projeta a peculiaridade de cada bailarino, algo que jamais foi bancado tão explicitamente no percurso da companhia. A coreografia propõe e

o figurino desenha a valorização individual dos bailarinos.

Vale notar também a natureza da música de Ernesto Lecuona, sem o tempero habitual da música cubana, mas com uma mistura própria da tradição romântica europeia, trazida pela colonização espanhola, com os cantos e as danças vindas para Cuba com os escravos africanos. Ou seja, parece mas não é a sonoridade habitual associada à Cuba (especialmente depois de Buena Vista). Estamos no reino da paixão, da dor de cotovelo, da traição, do melodrama. Terreno minado, no qual Rodrigo Pederneiras transita com a mesma competência com que vem construindo uma dança capaz de dissolver as caricaturas. Faz isso com o Brasil, faz isso com Cuba.



SERVIÇO

Grupo Corpo. Coreog. Rodrigo Pederneiras. Dir. Paulo Pederneiras. 81 min. Livr. Teatro Alfa (1.134 lug.). R. Bento Branco de Andrade Filho, 722, Santo Amaro, 5693-4000. 4º a sáb., 21h; dom., 18h. R\$ 30 a R\$ 60. Até 29/8